

Variantes do tratamento padrão: comentários ¹

Miriam A. Nogueira Lima ²

Resumo

Este trabalho toma o texto de Jacques Lacan [1955] conforme sua edição nos Escritos [1998], constando de quatro partes. Acrescenta também comentários da parte final de O Seminário, livro 1 [(1953-54)1979].

Palavras-chave: o saber do analista, a função do Eu na análise, desvios da psicanálise.

Abstract

This paper approaches the text from Lacan [1955] as the edition present in Escritos, [1998], being formed by the four parts. It also adds comments from the last part of The Seminary I, [(1953-54)1979].

Keywords: the knowledge of the analyst, the function of the self in the analysis, deviations of the psychoanalysis.

Estudos preparatórios para o próximo Congresso de Convergência, que acontecerá no Rio de Janeiro em maio de 2004 sobre este tema, estão sendo realizados no Espaço Convergência, criado pela CEL – RJ, Comissão de Enlace Local – Rio de

¹ Trabalho apresentado na parte interna da JORNADA BRASILEIRA DE CONVERGÊNCIA. Evento da CER-Brasil, realizada no marco da *Convergencia – Movimento Lacaniano para a Psicanálise Freudiana*. Título das Jornadas: “Jornadas do Tratamento Analítico”. Porto Alegre, 30 e 31 de maio de 2003, e está publicado em “Sobre a formação do psicanalista – Interrogações atuais em Convergencia”. Florianópolis: Pandion, 2012;

² Psicanalista. Membro da Intersecção Psicanáltica do Brasil, no Rio de Janeiro.

Janeiro, constituída pelas instituições: Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, Escola Lacaniana de Psicanálise, Intersecção Psicanalítica do Brasil, Laço Analítico Escola de Psicanálise e Práxis Lacaniana Formação em Escola. Tais encontros acontecem no segundo sábado de cada mês, iniciaram-se em março deste ano, e até o momento tivemos seis reuniões de trabalho sobre o texto *Variantes do Tratamento Padrão*.³ A partir desses estudos, pretendo destacar e comentar aqui ao menos uma questão de cada uma das quatro partes integrantes do texto. Indico agora quais são essas questões que vimos trabalhando.

Do primeiro encontro, realizado no Laço Analítico, em 09 de março, destaco a questão “Por que é a transferência que obriga, pela via do rigor ético, a passagem dos formalismos à formalização?” Não estive presente a este encontro, mas recebi a relação das questões levantadas. Destaquei entre elas uma que ao meu ver continua em aberto, porque fez falta o debate em torno disso. Mas quero entender que esta passagem do formalismo à formalização é que faz toda a diferença do que se pode, a partir de Freud com Lacan, nomear de forma mais apropriada uma prática psicanalítica, não só quanto à direção de um tratamento, mas, sobretudo no que trata da formação dos analistas e das questões institucionais.

Do trabalho que realizamos em 13 de abril, na Escola Lacaniana, pincei duas questões extraídas do texto: “O analista detém toda a responsabilidade a partir do lugar de ouvinte”⁴, e a segunda questão

[...] a confusão entre resistência e defesa do eu não pode ser tomada, como fez Anna Freud e outros, como justificativa para fazer do tratamento um ataque que tem por finalidade corrigir as coisas e dar-lhes ‘um sentido verdadeiro’, isto é, o sentido que o analista detém, uma vez que (...) ‘o analista não atinge em sua própria personalidade o grau de normalidade a que gostaria que seus pacientes chegassem.’ [Freud, 1937, “Análise Términável e Interminável” citado por Lacan.]⁵

³ Lacan, J. “Variantes do tratamento padrão”. In: *Escritos*, Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998.

⁴ Idem, *Ibidem*, p.332

⁵ Idem, *Ibidem*, p.337

Quando trabalhamos em 11 de maio, na Práxis Lacaniana, foi importante destacarmos que para Lacan a afirmação: “uma psicanálise é o tratamento que se espera de um psicanalista”⁶ constitui um critério de distinção entre psicanálise e outras práticas como as psicoterapias, critério que ele diz ser pouco enunciado por se tratar de uma afirmação tomada como evidente, uma repetição inútil, uma tautologia, e que por isso não se a examina.

Também sublinho a questão do engodo no qual se precipitou, depois de Freud, a nova orientação técnica a partir principalmente de Anna Freud. Trata-se da interpretação que se fez da segunda tópica freudiana em que a supremacia do *Eu* viria desalojar o *Isso*⁷. Desvirtuamento da afirmação de Freud, que Lacan muito a propósito veio resgatar, quando estabeleceu a noção de sujeito a partir do *Je*, e não do Ego, o que fez já de saída com o emprego de uma nova nomenclatura para traduzir o *Ich* freudiano.

Penso que decorre em grande parte do que acabamos de sublinhar, embora não somente daí, o que foi interrogado a seguir, nesse encontro: “O que situa uma diferença entre a barafunda psicoterapêutica e as condições de uma psicanálise?”⁸

Em 08 de Junho, chegou o dia de Intersecção Psicanalítica do Brasil, representada na CEL-RJ pelos participantes do Rio de Janeiro, promover o quarto encontro do Espaço Convergência. Das seis questões que formulamos para o debate, me instigam particularmente três delas. A primeira diz respeito à afirmação de Lacan de que “ainda que o analista esteja entre os comuns mortais pelo fato de falar, ele faz, entretanto, um uso desta função que não está ao alcance de todo mundo, quando porta a palavra falada”⁹ “e (quando porta) o silêncio que também comporta a fala”¹⁰. Mais abaixo, retomarei este ponto.

⁶ Idem, Ibidem, p. 331

⁷ Idem, Ibidem, p. 352

⁸ Idem, Ibidem, p. 337

⁹ Idem, Ibidem, p. 352

¹⁰ Idem, ibidem, p. 353

Outra questão a ressaltar aqui. Trata-se da afirmação “o eu nunca é senão metade do sujeito, e é ainda aquela que ele perde ao encontrá-la”¹¹. A força desta afirmação lacaniana já se colocara desde a tópica do imaginário, a partir da primeira teorização sobre o Estádio do Espelho, desde os seus primeiros passos em 1936.

E, por fim, ainda desse encontro, escolhi o que resulta da conceituação do lugar do analista a partir da *subjetivação da morte*, quando Lacan diz que ele, o analista, “pode agora responder ao sujeito do lugar que quiser, mas não quer mais nada que determine este lugar”... mas, sua atitude “não pode ficar entregue à indeterminação de uma liberdade de indiferença”.¹² Ou seja, ainda que se trate de colocar alguma coisa no lugar de coisa alguma, não é de qualquer coisa que se trata.

Do encontro de 13 de julho, realizado no Corpo Freudiano, escolho o que é abordado no texto sobre o desejo de *saber* ou de *poder* que move o candidato como princípio de sua decisão – que “este desejo deve ser tratado à semelhança do desejo de amar no neurótico, do qual a sabedoria sempre soube que ele é a antinomia do amor”¹³.

A paixão do amor juntamente com a do ódio e da ignorância – as paixões do ser – retornarão mais adiante quando a propósito da paixão da ignorância, ele adverte “... não deve ser entendida como uma ausência de saber, mas assim como o amor e o ódio, como uma paixão do ser, porque ela pode ser, à semelhança deles, uma via em que o ser se forma”.¹⁴ E o final do texto, o último parágrafo, acaba por afirmar “... a análise só pode encontrar sua medida nas vias de uma *douta ignorância*”.¹⁵

Neste ponto, faço uma consulta a O Seminário 1, (1979). Encontra-se ali que no analisante a ignorância se apresenta antes mesmo de qualquer começo de análise, pois “... as duas possibilidades do amor e do ódio não vão sem essa terceira, que se negligencia, e que não se nomeia entre os componentes primários da transferência – a

¹¹ Idem, *Ibidem*, p. 348

¹² Idem, *Ibidem*, p. 351

¹³ Idem, *Ibidem*, p. 360

¹⁴ Idem, *Ibidem*, p. 360

¹⁵ Idem, *Ibidem*, p. 364

ignorância enquanto paixão. (...) O sujeito que vem para a análise, entretanto, coloca-se como tal, na posição daquele que ignora”.¹⁶

É necessário lembrar também o que Lacan considera sobre “o ser”, neste Seminário, quando ensina:

“... porque as palavras, os símbolos, introduzem um oco, um buraco, graças ao que as espécies de franqueamentos são possíveis, as coisas tornam-se intercambiáveis. Esse buraco no real chama-se, segundo a maneira pela qual o encaramos, *o ser* ou *o nada*. Esse ser e esse nada são essencialmente ligados ao fenômeno da palavra. É na dimensão do ser que se situa a tripartição do *simbólico*, do *imaginário* e do *real*, categorias elementares sem as quais não podemos distinguir nada na nossa experiência”.¹⁷

As três paixões fundamentais – *amor, ódio e ignorância* – vão ser inscritas na dimensão do *ser* e não do real, colocando o amor na junção* do simbólico e do imaginário, o ódio na junção* do imaginário e do real, e a ignorância na junção* do real e do simbólico.¹⁸ **É sublinhada, a respeito destas “arestas passionais”, a necessidade de “distinguir o amor, como paixão imaginária, do dom ativo que se constitui no plano simbólico”.**¹⁹ [...] **“O desejo de ser amado é o desejo de que o objeto amante seja tomado como tal, enviscado, submetido à particularidade absoluta de si mesmo como objeto”... “inversamente, [...] amar é amar um ser para além do que ele parece ser. O dom ativo do amor visa o outro, não na sua especificidade, mas no seu ser”.**²⁰

Sobre o ódio, ele diz que é a mesma coisa.

¹⁶ Lacan J. Seminário 1: Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1979, p. 309

¹⁷ Idem, Ibidem, p. 308

¹⁸ * “É preciso *ver* o sentido de junção, ou conjunção, como ruptura” (intervenção da Sra. Aubry, no Seminário 1, p.311), ou como diz Lacan, “na junção do simbólico e do imaginário, essa fenda, se quiserem, essa aresta que se chama o amor” (p. 309)

¹⁹ Lacan J. Seminário 1: Os escritos técnicos de Freud. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1979, p.314

²⁰ Idem, Ibidem, p.315

“Há uma dimensão imaginária do ódio, na medida em que a *destruição do outro* é um pólo da estrutura da relação intersubjetiva.” E a seguir: “Aí mesmo, a dimensão imaginária é enquadrada pela relação simbólica, e é por isso que o ódio não se satisfaz com o desaparecimento do adversário. Se o amor aspira ao desenvolvimento do ser do outro, o ódio quer o contrário, seja o seu rebaixamento, seja a sua desorientação, o seu desvio, o seu delírio, a sua negação detalhada, a sua subversão. É nisso que o ódio como o amor é uma carreira sem limite”.²¹

E finalmente esclarece: “Entendam bem que, falando-lhes de amor e de ódio, eu lhes designo as vias de realização do ser, não a realização do ser, mas somente suas vias”.

Feita esta volta, desvio, ou variante pelo Seminário 1, retorno ao texto “Variantes do tratamento padrão”, nos *Escritos*, para terminar. Restou uma questão entre as que eu selecionei desse último encontro mencionado: é a pergunta que não quer calar “[...] o que autoriza o analista a tomar seu saber como privilegiado?”²² e que, no meu entender, ficou em aberto: penso, principalmente levando em conta que se trata de uma ironia, que é uma ótima pergunta para se pensar a respeito.

O encontro recém passado aconteceu dia 10 de agosto, novamente no Laço Analítico, pelo rodízio, e apresentou três questões das quais permanece sublinhada por mim a da escuta do analista e de sua intervenção silenciosa, do silêncio que guarda*²³ a palavra.²⁴

O silêncio “de ouro” é o silêncio eloquente, quando a palavra não é proferida por

²¹ Idem, *Ibidem*, p. 316

²² Lacan, J. Variantes do tratamento padrão. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998, p.352

* Podemos ficar atentos aos sentidos de zelar, cuidar, comportar, conter, como outras possibilidades da palavra *guardar*.

²⁴ Lacan, J. Variantes do tratamento padrão. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1998., p. 353

escolha do analista que, por outro lado, quando fala, ele só pode ser suas palavras mesmo. Diz Lacan: “o analista deve aspirar a um domínio tal de sua fala que ela seja idêntica a seu ser. Pois não precisará proferir muito dela no tratamento, ou até tão pouco que seria de se supor que não precisa de nenhuma para ouvir – toda vez que, com a ajuda de Deus, isto é, do próprio sujeito, houver levado um tratamento a seu termo – o sujeito dizer-lhe as próprias palavras em que reconhece a lei de seu ser”.²⁵

Este escrito de Lacan é inteiramente perpassado de ótimas afirmações, mas esta acima é a escolhida para terminar.

²⁵ Idem, Ibidem, p. 361